

Argumentação e Linguagem

**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Argumentação e Linguagem

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Rafael Sandrini Filho
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
A694	Argumentação e linguagem [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-530-3 DOI 10.22533/at.ed.303191408 1. Língua portuguesa – Composição e exercícios. 2. Linguística. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. CDD 469.8
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Ai Palavras! ... Todo o sentido da vida principia à vossa porta; o mel do amor cristaliza seu perfume em vossa rosa; sois o sonho e sois audácia, calúnia, fúria, derrota... A liberdade das almas, ai! com letras se elabora... E dos venenos humanos sois a mais fina retorta: frágil como o vidro e mais que o são poderosa! Reis, impérios, povos, tempos, pelo vosso impulso rodam... Cecília Meireles ...

Porque a verdadeira caverna, aquela que nos proíbe a relação com a realidade, aquela que nos obriga a viver no meio das sombras, é, para mim, a linguagem. Oswald Ducrot. Não há como pensar a argumentação na linguagem sem que se façam referências à retórica clássica, principalmente se o ato de argumentar for entendido como uma forma de gerenciar o discurso, de modo a se obterem resultados efetivos sobre as práticas sociais humanas. É justamente o funcionamento pragmático dos textos/discursos que nos permitem dizer, hoje, que os mesmos se nos apresentam revestidos de caráter ideológico, somente para citar um dos efeitos das ações das práticas linguísticas sobre as sociais. Nesse sentido, presume-se que a instrumentalidade do discurso argumentativo retrata-se nas formas como os argumentos são apresentados nos textos, de modo a criar um sentido de identidade entre falante/escritor e ouvinte/leitor. As atividades cognitivas da leitura e da compreensão estão inter-relacionadas, ainda que não se tenha como garantia indicativos de entendimento textual, afirmam Löbler e Flôres (2010, p. 181). Flôres e Gabriel (2012) defendem que a leitura pode ser estudada a partir de diferentes perspectivas, sejam elas: com foco no autor, no texto ou no leitor. Abraça-se, então, neste trabalho, a pesquisa sobre a leitura e foco no texto de diferentes formas.

Coscarelli (2002, p. 01) afirma que a leitura pode ser vista como um todo sem divisões, uma visão genérica e compactada que dificulta o trabalho do professor em ajudar os alunos em desenvolver o processo de leitura. Segundo a autora: A leitura pode ser dividida em duas grandes partes, uma que lida com a forma linguística e outra que se relaciona com o significado. Essas partes, por sua vez, podem ser ainda subdivididas. O processamento da forma, também tratado como decodificação, será aqui subdividido em processamento lexical e processamento sintático. Faz parte da atividade leitora apresentar sentidos para a informação ali exposta, buscando a reflexão, os questionamentos e os possíveis diálogos entre ela e o leitor. Para tal, essa prática envolve o aspecto de reconhecer o código linguístico, assim como depreender os sentidos que esse código desenvolve a partir das relações semânticas, Löbler e Flôres (2010, p. 188).

O leitor tem a função de decodificar o texto e identificar as pistas que o autor vai deixando ao longo desse texto, além de formular representações mentais sobre as informações contidas ali, Löbler e Flôres (2010, 192). Ele suscita hipóteses, realiza inferências, ativa o seu conhecimento prévio, tudo isso objetivando compreendê-lo. Löbler e Flores explicam assim o processo de compreensão: A compreensão da língua escrita é uma atividade complexa e onerosa do ponto de vista cognitivo, pois consiste em relacionar, concomitantemente, o que é lido a conhecimentos preexistentes. Para fazer tal síntese, o cérebro do leitor mobiliza os conhecimentos que já possui, relacionando-os

ao processamento em realização, ou seja, fazendo a articulação paralela entre o sabido e o desconhecido, no decorrer da própria leitura.

Nesse processo de diálogo com o texto, o leitor tenta identificar as intenções do autor por este ou aquele vocabulário, as intenções de formalidades ou informalidades, ou ainda, identificar quem está falando naquele texto. Ducrot (1990, p.15) defende que o enunciado é polifônico e que, portanto, existem algumas pessoas envolvidas em sua existência. Dentre elas, declara a existência do locutor, sujeito discursivo responsável discurso, e enunciadore, responsáveis pelos pontos de vista ao longo do discurso.

O enunciado, assim como o discurso, é único e sempre terá um autor, denominado sujeito empírico, Ducrot (1990) Os jornalistas, por exemplo, ao noticiarem ou reportarem determinada informação, fazem-na através das argumentações, que são entendidas por Ducrot como uma sequência de dois segmentos que compõem um discurso relacionados por um conector.

Argumentar é apresentar um ponto de vista. Entretanto, cabe ao leitor, durante a atividade leitora, apreender os diferentes sentidos que vão sendo desenvolvidos ao longo do discurso destes profissionais.

Acredita-se que, ao se analisar as palavras envolvidas nesses discursos jornalísticos, pode-se facilitar a compreensão dos sentidos ali inscritos. Diante disso, apresenta-se, como objetivo geral deste trabalho, a análise do papel que o léxico desempenha (palavras plenas e palavras instrumentais) na construção do sentido dos discursos desdobraram-se em múltiplas linguagens. A construção de sentidos nos diferentes e múltiplos discursos não é realizada da mesma maneira, não segue uma regra que se comportam diferentemente no momento de construção desses sentidos.

Um conjunto de considerações pragmático-discursivas constitui o cerne da história da retórica. O retorno à retórica faz sentir que muitas das preocupações atuais dos estudiosos da linguagem, no que concerne à eficácia da palavra, assentam-se em preceitos advindos dos clássicos e dos teóricos contemporâneos da argumentação.

Avulta das considerações tecidas um aspecto particular caracterizador do dinamismo da linguagem, que é o lugar ocupado pelos sujeitos que lançam mão de argumentos relativos aos seus objetivos comunicativos e objetos de discurso. Nesse sentido, defrontamo-nos com uma subjetividade enunciativa que extrapola os limites de uma consciência empírica do sujeito. Pela enunciação que o constitui, ele mobiliza um ou mais coenunciadores, fazendo-os aderir ou refutar o universo de significações ou sentidos atribuídos histórica e culturalmente aos objetos de predicação. O enunciadore é, para mim, o grande tecelão do mundo representado nos eventos comunicativos de que participa. Nesse sentido é que cabe nos estudos da argumentação, ou da construção argumentativa dos textos, aproximar teorias de textos e discursos das teorias sociológicas, assumindo, portanto, um posicionamento multidisciplinar perante a investigação dos fenômenos linguísticos.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A LITERATURA SOBRE O SEXO E A SEXUALIDADE NO BRASIL NO PERÍODO DA DITADURA MILITAR	
Solange Aparecida de Souza Monteiro Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.3031914081	
CAPÍTULO 2	13
A FALA DE ULYSSES GUIMARÃES NA PROMULGAÇÃO DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA	
Tayson Ribeiro Teles	
DOI 10.22533/at.ed.3031914082	
CAPÍTULO 3	24
A ARGUMENTAÇÃO E A RETÓRICA NO SERMÃO DA SEXAGÉSIMA, DE PADRE ANTÔNIO VIEIRA: UMA ABORDAGEM PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO	
Gabriela Lages Veloso Letícia Rodrigues da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.3031914083	
CAPÍTULO 4	35
ARQUITETURA DA ARTE DE CONTAR: A NATUREZA SOCIOLÓGICA E A COMUNICAÇÃO ESTÉTICA NO CONTO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO	
Márcia Adriana Dias Kraemer Alba Maria Perfeito	
DOI 10.22533/at.ed.3031914084	
CAPÍTULO 5	55
COMO TRABALHAR A LITERATURA SOB REGIMES AUTORITÁRIOS EM SALA DE AULA	
Cícera Tayana Francelino Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.3031914085	
CAPÍTULO 6	66
A INTENCIONALIDADE MARCADA NOS TEXTOS INSTRUCCIONAIS: O QUE HÁ DE NOVO NISSO?	
Hilma Ribeiro de Mendonça Ferreira Sílvia Adélia Henrique Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.3031914086	
CAPÍTULO 7	85
DESAFIOS EPISTEMOLÓGICOS E METODOLÓGICOS NO ENSINO DE PORTUGUÊS	
Maria Auxiliadora Bezerra	
DOI 10.22533/at.ed.3031914087	
CAPÍTULO 8	103
IGREJA” E “SENHOR”: A CRÍTICA À RELIGIÃO NAS LETRAS DE MÚSICA DA BANDA TITÃS À LUZ DAS REFLEXÕES BAKHTINIANAS	
Claudia de Fátima Oliveira Camila de Araújo Beraldo Ludovice	
DOI 10.22533/at.ed.3031914088	

CAPÍTULO 9	114
FICÇÃO E MEMÓRIA EM <i>SIMÁ</i> : ROMANCE HISTÓRICO DO ALTO AMAZONAS, DE LOURENÇO DA SILVA ARAÚJO	
Daniel Padilha Pacheco da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.3031914089	
CAPÍTULO 10	133
PRESENÇA E USO DOS MARCADORES DISCURSIVOS EM ESTUDANTES BRASILEIROS DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Cristina Corral Esteve	
DOI 10.22533/at.ed.30319140810	
CAPÍTULO 11	146
VARIAÇÃO FONÉTICA NO POVOADO ONÇA DO MARANHÃO: ANÁLISE DOS FENÔMENOS DE REDUÇÃO DO DITONGO “OU” EM “O” E REDUÇÃO DO DITONGO “EI” EM “E”.	
Shayra Brunna Silva Marques	
Ana Claudia Menezes Araujo	
DOI 10.22533/at.ed.30319140811	
CAPÍTULO 12	157
PLE + ELO: UMA EXPERIÊNCIA VIRTUAL NO ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA NA UFLA	
Débora Racy Soares	
DOI 10.22533/at.ed.30319140812	
CAPÍTULO 13	164
MOBILED-ASSISTED LANGUAGE LEARNING: QUESTÕES ACERCA DO USO DE SMARTPHONES EM SALA DE AULA DE LÍNGUA INGLESA	
Luana de França Perondi Khatchadourian	
DOI 10.22533/at.ed.30319140813	
CAPÍTULO 14	175
MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DE INGLÊS: UMA PROPOSTA POR MEIO DA PEDAGOGIA DE MULTILETRAMENTOS	
Patrícia Helena da Silva Costa	
DOI 10.22533/at.ed.30319140814	
CAPÍTULO 15	189
ORIGENS E FRONTEIRAS DO COSMOS: O PODER DA PALAVRA	
Márcio Moreira Costa	
DOI 10.22533/at.ed.30319140815	
CAPÍTULO 16	199
MULTILETRAMENTOS NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE: APROXIMAÇÕES ENTRE REFLEXÃO E AÇÃO	
Maria de Lourdes Rossi Remenche	
Ana Paula Pinheiro da Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.30319140816	

CAPÍTULO 17	211
O MÉTODO FÔNICO E A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	
Alice Santos Pimentel Nunes	
Terezinha de Jesus Dias Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.30319140817	
CAPÍTULO 18	223
NARRATIVAS COERENTES E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE EM GRUPOS VULNERÁVEIS	
Dóris Cristina Gedrat	
André Guirland Vieira	
Gehysa Guimarães Alves	
Cláudio Schubert	
DOI 10.22533/at.ed.30319140818	
CAPÍTULO 19	235
BEM-ME-QUERO, BEM-TE-QUERO: UM PROJETO DE PSICOLOGIA EDUCACIONAL SOBRE CORPOREIDADE E GESTÃO DO CUIDADO	
Roselaine Vieira Sônego	
Allan Henrique Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.30319140819	
CAPÍTULO 20	248
MASCULINIDADE NA LITERATURA: UMA HISTÓRIA HERDADA SOCIALMENTE	
Francisco Heitor Pimenta Patrício	
Cícero Hérciclis Ângelo Pereira	
Josilene Marcelino Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.30319140820	
CAPÍTULO 21	260
ENSINANDO PLE NA UFLA ATRAVÉS DO AVA - AVANÇAR	
Débora Racy Soares	
DOI 10.22533/at.ed.30319140821	
CAPÍTULO 22	267
MARCAS DOS PAISES IMPERIALISTAS NA CONSTITUIÇÃO E REORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	
Rosa Maria Silva Braga	
Lucia Torres de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.30319140822	
SOBRE A ORGANIZADORA	277
ÍNDICE REMISSIVO	278

COMO TRABALHAR A LITERATURA SOB REGIMES AUTORITÁRIOS EM SALA DE AULA

Cícera Tayana Francelino Fernandes

Universidade Regional do Cariri –URCA, Missão Velha-CE

1 | INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo compreender o desenvolvimento da história da literatura educacional no período da Ditadura Militar, de 1970 a 1978, nos poemas de Behr, Antônio Carlos de Brito e uma canção de Chico Buarque, mostrando como ela pode ser trabalhada em outras áreas do conhecimento, através da interdisciplinaridade, que beneficiará tanto o professor quanto o aluno, tornando a aula mais diferente, prática e dinâmica.

A Literatura Brasileira é muito discutida nas escolas, vista e analisada apenas pelo lado das escolas e períodos literários. Porém poucas pessoas sabem da importância e contribuições que ela teve no período da Ditadura. Assim, pretendemos mostrar, além da sua forte relevância no período histórico, como os professores podem incluir na disciplina de História dentro da sala de aula, diante desse contexto.

A metodologia utilizada neste trabalho baseia-se em pesquisa bibliográfica com revisão de Literatura. Para a coleta de dados serão feitos

análise em recursos, tais como: Livros (poemas), elementos históricos e literários exclusivamente no período da Ditadura, e internet (Vídeos e documentários). Esses elementos serão analisados e comparados, tendo em vista à sua utilização em salas de aulas do ensino fundamental e médio. A pesquisa ainda conta de uma entrevista realizada com um professor da disciplina de História.

2 | A DITADURA MILITAR DENTRO DE UM CONTEXTO HISTÓRICO

Para a Ditadura Militar ser entendida da melhor maneira possível, iniciaremos falando a partir de 1961, que começaram as intervenções no país, a partir da renúncia do presidente Jânio Quadros, tendo como substituto o vice João Goulart. Por sua vez, quando Jango (como era popularmente conhecido), começou a modificar as leis que traziam benefícios para os trabalhadores tanto urbanos, quanto rurais. Diante desses e de outros acontecimentos, Jango foi acusado de ser comunista e ameaçado pelos militares. Os principais fatores que ajudaram no golpe militar foram a instabilidade política e financeira, a situação que a população estava vivenciando e o apoio que os militares receberam tanto da igreja católica, como da

classe média.

O golpe começou a ser realmente formado quando os generais Olímpio Mourão Filho e Odílio Denys, se reuniram com Magalhães Pinto que era o governador de Minas Gerais, para imobilizar os militares e então ficar com o poder. João Goulart recebeu ordens para prender Castelo Branco (nomeado chefe do Estado-Maior do Exército pelo então presidente da República João Goulart e foi o principal líder militar do Golpe Militar de 1964, que o deporia em 31 de março daquele ano.), porém, ele não poderia aceitar, pois iria começar uma guerra. Decidiu então, refugiar-se no Paraguai e deixando a presidência, depois que encontrou as tropas. Logo depois da ausência de Jango do poder, Castelo Branco é nomeado presidente. O Golpe, finalmente teve fim com a chegada de Tancredo Neves, o primeiro presidente civil desde o início da revolta.

2.1 A Literatura Sob a Óptica Pedagógica

Podemos notar de início, que a Literatura dentro de uma visão mais pedagógica é trabalhada de maneiras diferentes quando comparamos a escola pública e privada. A maioria das escolas particulares (privadas) é trabalhada separadamente, ou seja, não conta incluídas com Português e redação, o enfoque é bem maior. Porém, em algumas escolas públicas ela não é tão valorizada assim. Não de uma forma generalizada, mas de uma visão bem superficial, é isso que ocorre na maioria das vezes, no ensino médio.

Gabriela Rodella, especialista e doutora em Literatura, participou de um fórum, e durante uma entrevista, explicou sobre as diferentes realidades em que a Literatura pode atingir, e como ela pode ser levada às escolas planejando uma forma de ensiná-la. Ao ser inserida na escola, deve ser mostrado diante de textos Literários, e que, segundo ela “não é perda de tempo, ao contrário, isso é ganho de tempo”. Ela ainda ressalta uma pesquisa que fez, para saber o que os alunos gostavam de ler, e obteve o resultado que são livros não trabalhados na escola, chegando a conclusão que é um erro muito grave, pois o professor trabalha apenas com um cânone, considerado difícil. Cláudia Mesquita que trabalha com edição de livros infantis, também participou dessa entrevista, e fala: “o papel do professor, é conseguir atrair o seu aluno pra esse universo tão rico que a literatura propicia”. Em síntese, o que elas quiseram mostrar foi a dificuldade que os alunos têm sobre os livros trabalhados, e que o professor sendo mediador do conhecimento, deveria construir um elo, em que poderiam trabalhar tanto os clássicos, quanto os best-seller, por exemplo. Pois os estudantes tanto gostam como já sabem do que se trata.

2.2 A Situação da Literatura no Período da Ditadura Militar

A Literatura passou por uma sucessão de censuras, por ser um instrumento de denúncias sobre a situação que o Brasil estava presenciando. Além das poesias e

canções, abarcou todo o espaço da imprensa, como a televisão, teatro e cinema. Eram destacados os principais autores para assim, manifestar-se mostrando o quadro dos acontecimentos. Ocorreram vários níveis de expressão artística para assim, existir um controle sendo trabalhada até com a Literatura infantil.

A Ditadura Militar Brasileira ocorreu entre os anos de 1964 e 1985. Várias obras foram rejeitadas pelo estado. Um dos primeiros atos durante esse processo foi proibir as pessoas de expressarem sua opinião e o fechamento da editorial Vitória (editora brasileira ligada ao Partido Comunista Brasileiro, especializada em literatura marxista). Tudo isso fazia parte de um ‘jogo’ para mantê-los no comando. Em 1970 foi decretada uma lei que impedia essa liberdade (lei decreto n.1077/70), tratava-se de censurar livros, revistas para que o povo não tivesse acesso aos mesmos. Stephanou relata muito bem como eram feitas as apreensões. “As ações confiscatórias ocorriam de forma primária, improvisadas, efetuadas por pessoas mal treinadas” (STEPHANOU, 2001, p.215).

2.3 Os Principais Autores Que Participaram do Período Ditatorial

O Brasil vivenciou duas décadas de repressão. Dentro desse acontecimento Histórico podemos destacar alguns autores, que representaram de maneira singular as manifestações artísticas desse período. Foram muitos, na qual podem ser apresentados alguns autores principais que utilizaram a liberdade de expressão para superar a censura. Através dos romances foram descobertos os ataques que ocorriam, sendo muito doloroso para a família das vítimas, que tomavam conhecimento por meio de livros.

A Literatura infantil foi o principal alvo dos escritores, por não ser supervisionada pelos generais. A escritora Ana Maria Machado consegue mostrar através de sua narrativa, os acontecimentos da época. Nas suas obras estão: “Tropical Sol da Liberdade”, e as infantis, “Bento-que-Bento-é-o-Frade”, “Era Uma Vez Um Tirano”, e “Raul Ferrugem Azul”.

De acordo com Zilberman (1991, p.127)

Em Ana Maria Machado, a proposta explícita de uma história de fadas invertida, onde o príncipe casa com a pastora e a princesa vai cuidar de sua vida, pode ser considerado o emblemado que pretende essa narrativa infantil moderna.

Além da escritora Ana Maria Machado, há outros autores, como: Nelson Rodrigues, Caio Prado Junior, Rubem Fonseca, Cassandra Rios, entre outros, que buscaram mostrar através de Literatura os fatos ocorridos no país, exatamente no regime ditatorial por meio de romances.

Segundo Dalcastagnè (1996, p.130). “É o romance que mais se preocupa em contar detalhes do período, fornecendo informações [...] sobre o comportamento da classe média sobre a situação das entidades estudantis do clero, dos jornalistas”. Porém, Ana Maria Machado em uma entrevista realizada no programa “entrelinhas”,

revelou sua verdadeira intenção quando escreveu “Tropical Sol da Liberdade”. Ela relata:

Não era uma decisão prévia, não era uma história política, não havia um projeto ideológico. Quis falar da amendoeira, das formigas, do mar, da onda batendo. Aí começam as lembranças da casa e aí entra tudo. Acho que o ser humano, vivendo na sociedade, é político. Como eu vivi um momento de ditadura havia uma preeminência de se falar em liberdade. (MACHADO, 2010,).

Contudo, ela não teve a intenção de sua obra ser interpretada de tal maneira. Porém o público analisou de maneira ‘errônea’, como se a mesma fosse voltada para a época em questão.

Cândido ainda manifesta sua opinião acerca do assunto.

[...] a posição do escritor depende do conceito social que os grupos elaboram em relação a ele, e não corresponde necessariamente ao seu próprio [...] se a obra é mediadora entre o autor e o público, este é mediador entre o autor e a obra na medida em que o autor só adquire plena consciência da obra quando ela lhe é mostrada através da reação de terceiros. Isto quer dizer que o público é condição do autor conhecer a si próprio, pois esta revelação da obra é a sua revelação.

Tanto a posição de Ana Maria Machado quanto a de Antônio Cândido estão se referindo ao fato de o autor não ter controle total no entendimento a respeito de sua obra, pois quando os leitores entram em contato com a mesma formará sua opinião, sendo escolhido o que é mais propício para o momento. É exposto também, que a partir dessa condição que o leitor tem será revelado o conhecimento acerca do autor.

3 | A LITERATURA COMO CONHECIMENTO INTERDISCIPLINAR

A Literatura aborda um imenso valor cultural, sendo comumente perpassado pela oralidade ou escrita. Entretanto, em sua pluridisciplinaridade ainda é pouco trabalhada. Pode ser pensada como uma forma pluridisciplinar. Considerada forma de sondagem, podendo até despertar o interesse dos alunos. Já foi comprovado a partir de estudos científicos (foram realizados na Universidade de Nice, em 1970, no primeiro seminário de Nice). Esses estudos puderam mostrar que a interdisciplinaridade faz parte de uma estratégia para beneficiar tanto o aluno quanto o professor. Está claro que os alunos não considera uma das disciplinas mais fáceis, e é pensando nisso que os professores estão buscando novas formas de atrair sua atenção, tornando-a mais acessível.

É sabido que a História está ligada diretamente com a Literatura, porém pode ser relacionada com as demais. A Literatura pode ser considerada a área que mais tem afinidade com as outras, por ser algo que registra a cultura. Ela é dividida em vários períodos, que podemos destacar em cada um deles aspectos que cria vínculos com outras áreas do conhecimento.

O primeiro exemplo será analisado a partir do Quinhentismo, este, porém, está vinculado inteiramente a História por ser abordados fatos e dados históricos. O

Realismo é correspondente à Biologia, pois podemos ver em um exemplo claro que o escritor Aluísio de Azevedo traz em ‘O Cortiço’, em que o meio provocou uma alteração em alguns personagens. O Pré-Modernismo tem como característica principal a sociabilidade existente, e a obra ‘Os Sertões’ será relacionada à Geografia por se tratar de uma descrição geográfica entre a terra, o homem, e a luta.

Podemos notar que a Literatura pode ser abordada em vários campos do saber, e trazendo para o lado da História, especificamente no período da ditadura, os alunos poderão enxergar de um outro ângulo sendo aprofundado a parte literária, e sobressaindo um pouco do rotineiro, e ao mesmo tempo mostrando algo além do que está nos livros didáticos. Os principais benefícios para os estudantes serão: Compreender o contexto cultural, na ocasião do golpe militar, a relação com a política nacional, aprender sobre os principais movimentos que ocorreram na época, entre outros. E acima de tudo, mostrar que a Literatura nem sempre foi aceita totalmente.

3.1 Análise Literária de Algumas Obras de Resistência

A Ditadura Militar deixou rastros negativos para o país. A Literatura, porém, teve sua participação em romances escritos, que de certa forma conseguiu expressar e repassar através de palavras esse regime. A análise que será feita a seguir, foram publicadas entre os anos de 1970 e 1978.

O primeiro poema é do escritor Nicolas Behr, chamado “Receita”, publicado em Carço de goiaba (1978):

Ingredientes:

2 conflitos de gerações

4 esperanças perdidas

3 litros de sangue fervido

5 sonhos eróticos

2 canções dos Beatles

Modo de preparar:

dissolva os sonhos eróticos

nos dois litros de sangue fervido

e deixe gelar seu coração

corte tudo em pedacinhos

e repita com as canções dos Beatles

o mesmo processo usado com os sonhos eróticos

mas desta vez deixe ferver um

pouco mais e mexa até dissolver

parte do sangue pode ser substituído por suco de groselha

mas os resultados não serão os mesmos

sirva o poema simples ou com ilusões

(BEHR, 1978)

O poema “Receita” faz uma referência aos impactos causados pela Ditadura para a juventude. Através de uma receita pôde ser mostrado que com a mudança de apenas um ingrediente poderia mudar o rumo dos acontecimentos. No primeiro verso, é feita uma análise, fechada somente para o contexto dos acontecimentos recentes, e em todo o poema relata marcas de autoritarismo. Contudo, o autor procurou mostrar como uma geração inteira foi atingida, trazendo no último verso as maneiras que leitor pode interpretá-lo, (“o poema simples”), ou (“ou com ilusões”).

O próximo poema a ser analisado é do escritor Antônio Carlos de Brito, conhecido como *Cacaso*, chamado *Jogos Florais*, há duas versões:

Jogos florais I

Minha terra tem palmeiras
onde canta o tico-tico.
Enquanto isso o sabiá
vive comendo o meu fubá.
Ficou moderno o Brasil
ficou moderno o milagre:
a água já não vira vinho,
vira direto vinagre.

Na primeira é uma versão da “canção do Exílio” de Gonçalves Dias sendo investidas. Abordará de forma crítica, trocando alguns elementos, por exemplo, troca o sabiá pelo tico-tico, referindo-se que a população era submetida ao governo sofrendo exploração.

Jogos florais II

Minha terra tem Palmares
memória cala-te já.
Peço licença poética
Belém capital Pará.
Bem, meus prezados senhores
dado o avançado da hora
errata e efeitos do vinho
o poeta sai de fininho.
(será mesmo com dois esses
que se escreve paçarinho?)

No poema “Jogos Florais II” o poeta utiliza o poema de Oswald de Andrade, “Minha terra tem Palmares”, na qual faz uma crítica quanto a escravidão no Brasil, e da má distribuição de verbas, e por último mostra como tem habilidade para a escrita mas não está inserido no Cânone Literário, mostrado na grafia da palavra ‘passarinho’. Podemos notar que o autor fez uso de sua criatividade, usando poemas já conhecidos, transformando-os em críticas ao governo, para chamar a atenção das pessoas, para o momento em que passavam.

3.2 A Relação da Música com a Ditadura

Como já foi mencionado, a censura não foi apenas em romances, mas em todas as expressões artísticas, como por exemplo a música. Uma das canções mais influentes é “cálice” do cantor e compositor Chico Buarque.

Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue

Como beber dessa bebida amarga
Tragar a dor, engolir a labuta
Mesmo calada a boca, resta o peito
Silêncio na cidade não se escuta
De que me vale ser filho da santa
Melhor seria ser filho da outra
Outra realidade menos morta
Tanta mentira, tanta força bruta

Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue

Como é difícil acordar calado
Se na calada da noite eu me dano
Quero lançar um grito desumano
Que é uma maneira de ser escutado
Esse silêncio todo me atordoa
Atordoados eu permaneço atento
Na arquibancada pra a qualquer momento
Ver emergir o monstro da lagoa

Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue

De muito gorda a porca já não anda
De muito usada a faca já não corta

Como é difícil, pai, abrir a porta
Essa palavra presa na garganta
Esse pileque homérico no mundo
De que adianta ter boa vontade
Mesmo calado o peito, resta a cuca
Dos bêbados do centro da cidade

Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue

Talvez o mundo não seja pequeno
Nem seja a vida um fato consumado
Quero inventar o meu próprio pecado
Quero morrer do meu próprio veneno
Quero perder de vez tua cabeça
Minha cabeça perder teu juízo
Quero cheirar fumaça de óleo diesel
Me embriagar até que alguém me esqueça
(Chico Buarque, Gilberto Gil, 1978).

Essa música foi uma composição de Chico Buarque e Gilberto Gil, que buscou retratar a censura. Nesta canção a palavra “Cálice” não será no sentido religioso, mas sim um trocadilho com do verbo ‘calar-se’. Além dessa ideia, ainda expressava o sofrimento físico e a tortura, e a melodia também faz relação com o sofrimento tendo um ar melancólico. Essa canção foi censurada, e não pôde ser apresentada em um festival, que ocorreu no Estado de São Paulo em 1973. Gilberto Gil explica em uma entrevista que foi pensada justamente para expressar a dor, o tormento e repreensão.

4 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para ajudar nesse trabalho, fomos à procura do professor Glauber Robson Oliveira Lima, Professor de História na Escola Estadual Padre Coriolano, e professor na Universidade Karius, que nos concedeu uma entrevista para ajudar nos resultados. O motivo da escolha foi baseado no conhecimento que já tínhamos de seu trabalho, e pelo fato de ele já está trabalhando com a Literatura nas suas aulas de História. Foram feitas algumas perguntas, as quais foram respondidas em forma de texto, englobando todo o assunto. Nosso objetivo central com essa entrevista foi traçar um perfil da relação entre o uso da Literatura no ensino de História. Dentre as perguntas apresentadas, podem ser destacadas: ‘como se encontra a disciplina de História nas

últimas décadas’, ‘como ocorreu o cerceamento da supressão das ciências humanas’, ‘como os professores abordam esse assunto na atualidade’, ‘quais os principais desafios para o professor’ e ‘os resultados obtidos’. Os quatro parágrafos a seguir envolve todas essas perguntas e mais outros questionamentos que o próprio professor quis indagar relativo à temática.

A disciplina de História, nas últimas décadas, tem contado com o apoio de importantes fontes, além dos documentos tradicionais, conhecidos como documentos oficiais, são utilizados também imagens como fontes históricas e textos também. Desde textos jornalísticos, como também textos literários. Esse material tem sido de muita importância para auxiliar o trabalho do professor em sala de aula. Por essa disciplina tratar do passado, é sempre muito complexo fazer o processo de abstração com os alunos. Fazer com que eles possam compreender de uma forma mais direta os conteúdos aplicados. Além da literatura brasileira tradicional também temos nos apoiado em músicas, essas músicas têm sido de suma importância para o trabalho do licenciado de História, para facilitar fazendo com que os alunos compreendam melhor o conteúdo. No que tange ao período específico da Ditadura Militar será dividido em duas formas: como era o ensino de História naquele período, e como abordamos esse período no século XXI.

Após o golpe de 1964, tivemos então o cerceamento da liberdade e com o ato institucional chamado AI-5, (foi a expressão mais acabada da ditadura militar brasileira) ocorreu a supressão dos conteúdos da área de ciências humanas, então o conteúdo crítico-reflexivo que as Universidades Brasileiras vinham buscando tratar ao longo das últimas décadas ou seja, final dos anos quarenta e começo dos anos cinquenta, até final de 1964, esses conteúdos foram escolhidos, ou seja, o direito de refletir foi cerceado, inclusive dentro das universidades, e aqueles professores que teimavam em desenvolver seus conteúdos foram considerados como professores subversivos, que acabavam sendo presos. Então o conteúdo de História em si, na Ditadura Militar, foi suprimido, onde houve a substituição das ciências humanas, de forma geral, como a sociologia e a filosofia, por duas disciplinas do regime militar, que foram a OSPB (Organização Social Política Brasileira) e a disciplinas de moral e cívica. Essas duas disciplinas tinham como fundamental importância suprimir a criticidade dos alunos e criar uma aparência de regime democrático, pois os militares nunca usaram o termo ‘golpe’, posicionavam-se como revolucionários, então as disciplinas eram para manter a ordem e o civismo.

Já na atualidade, os professores abordam o conteúdo de História diante de um posicionamento denominado crítico-reflexivo. No final dos anos oitenta para o início dos anos noventa, o marxismo predominou nas universidades, e no Brasil não foi diferente, então começaram as abordagens de uma forma crítica, contando não mais somente a história positivista, a história dos grandes heróis e das grandes datas, mas também abordando de uma forma crítica-reflexiva, ou seja, não só criticando, mas refletindo também dentro desse posicionamento. Hoje no que se refere a trabalhar o

tema da ditadura militar no ensino médio, inicia-se pelo processo de apanhado geral e de situação dos alunos, que para falar desse período, começa a abordar o período da 'Era Vargas', que culminava com o suicídio dele, pois na verdade o golpe civil militar começa a ser preparado em 1954, portanto, dez anos antes do suicídio de Vargas em agosto de 1954, acabou adiando o golpe. Primeiramente ocorre a demonstração das forças conservadoras do Brasil, que culmina com o golpe dentre outros aspectos. Quando começa essa abordagem, utilizamos os romancistas da época, começando a citar uma pessoa que escreveu muito bem a situação do Brasil, o escritor Baiano Jorge Amado, com o livro 'Capitães de Areia', 'O Porto dos Milagres', e 'vidas Secas' de Graciliano Ramos, e romances de Rachel de Queiroz. São obras que ajudam a entender o golpe pré-militar.

Após o golpe, devemos frisar que houve um cerceamento, sementes de liberdade que chegou à Literatura, que foram queimadas e proibidas de circular sendo suprimidas pelo autoritarismo do governo. As principais obras que são utilizadas em sala de aula, são livros biográficos como, por exemplo, 'Combate nas trevas' do escritor Jacob Gorender, que conta a própria história. Outro livro nesse mesmo nicho é 'O que é isso companheiro?' do escritor Fernando Gabeira. O professor Glauber conta que gosta de trabalhar por ser os autores e vivenciam e depois contam, entre muitos outros. A música e os filmes são elementos muito bons. Além dos clássicos como o 'Cálice', canção de Chico Buarque, temos outros estilos como o Hip Hop que também trabalha acerca do assunto. Filmes como 'Hércules 56', 'Lamarca', ajudam também a entender melhor esse assunto.

O principal desafio é a tecnologia, pois fazer com que os alunos leiam é difícil. Um recurso que o professor usa são as plataformas digitais. Um exemplo que ele cita, é quando indica algum livro, ele verifica se existe em PDF para assim despertar o interesse dos alunos. Outro exemplo é fazer com que o celular se torne um aliado em sala de aula, incentivando-os a fazerem pesquisas através desses aparelhos.

Os resultados, o professor explica, que divide em dois pontos: O primeiro ponto são os resultados gerais, quando ele consegue fazer com que os alunos leiam os livros da biblioteca, ou lido nas plataformas, ou até mesmo emprestados por ele, é perceptível que a aprendizagem desse aluno se consolida, ou seja, o aluno que ler e que busca escutar as músicas, quando ocorre o diálogo com o professor, ou a realização de atividades é visível o melhoramento da aprendizagem

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo, afirmamos que o propósito desse trabalho foi de mostrar a relevância da Literatura na sua interdisciplinaridade, e como ela pode ajudar o professor de História vendo pelo lado mais específico do contexto. A partir de várias análises, e com a ajuda da entrevista realizada com o professor, conseguimos obter o número

suficiente de informações para assim, concluir que esse assunto não é algo novo, e é muito mais importante do que se pensa. Vendo pelo lado pedagógico, nem todos os professores enxergam e utilizam esse método, utilizado com o propósito de atrair a atenção dos alunos.

O uso da tecnologia é um aliado para a concretização disso, pois ajuda bastante a entrar no universo literário e histórico, tendo como base e objetivo a aproximação dos estudantes em meio a esse universo tecnológico do século XXI. Conseguimos apresentar também, ideias, estratégias, exemplos de obras a serem trabalhadas, entre outros elementos, que a maioria dos discentes não tiveram contato, podendo unir os gostos dos mesmos a seus gostos do cotidiano, podendo assim obter resultados tanto para a escola obtendo resultados, quanto para eles mesmo, como, por exemplo, ajudar no vestibular, com o conhecimento adquirido.

REFERÊNCIAS

BEHR, Nicolas. **Receita**. Disponível em: <<https://medium.com/@Wellington3x4s/ingredientes-de-nicolas-behr-6cf0c16986df>>. Acesso em 23 dez. 2017.

Brasil, **Decreto Federal**, 1970. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/Del1077.htm> acesso em 23 dez. 2017.

BUARQUE, Chico; GIL, Gilberto. **Cálice**. 1978. Disponível: <http://www.letras.mus.br/chico-buarque/45121/> acesso em 23 dez.2017.

LIMA, Glauber Robson de Oliveira. **Entrevista Sob a Visão de se trabalhar a Literatura na disciplina de História**. [Entrevista cedida no dia 09 de janeiro de 2018].

MACHADO, Ana Maria. **[Entrevista disponibilizada em 18 de outubro de 2010, no programa entrelinhas]**. Disponível:http://tvcultura.com.br/videos/27145_entrelinhas-ana-maria-machado.html. Acesso em 23 dez de 2017.

MARTINS, Ivanda. **Desafios do Ensino da Literatura na Visão do Professor do Ensino Médio**. 4.ed. São Paulo: Editora atual, 2006.

NICOLA, José de. **Literatura Brasileira, das Origens até os Dias Atuais**. Spicione: São Paulo, 2000.

Repressão na Criação. Publicado em 14 de junho de 2012.

RODELLA, Gabriela; MESQUITA, Cláudia. **A Educação Integral e o Ensino de Literatura**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?time_continue=5&v=V52FgE7RJ5Q>. Acesso em 24 dez de 2017.

SOUSA, Eliete Nunes. **O Contexto Histórico da Ditadura Militar**. Artigo disponível em:<<https://www.zemoleza.com.br/trabalho-academico/sociais-aplicadas/servico-social/o-contexto-historico-da-ditadura-militar/>>2008. Acesso em 23 dez de 2017.

STEPHANOU, Alexandre Ayub. **Censura no Regime Militar e Militarização das Artes**. Porto Alegre : Edipucrs, P. 215, 2001.

ZILBERMAN, Regina. **Marisa Literária Infantil - Histórias e Histórias**.Lajolo. Disponível em : <https://pt.slideshare.net/daniellemorais528/marisalajoloreginazilbermanliteraturainfantilbrasileirahistoriaehistoriasdocev>. 1991.Acesso em 24 dez de 2017.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise linguística 85, 100, 102

Argumentação 2, 24, 33, 34, 135, 136

Atos de Fala 66, 68, 76

C

Contemporâneo 42, 53

D

Ditadura Militar 1, 5, 7, 10, 11, 55, 56, 57, 59, 63, 65, 104

E

Educação Brasileira 2, 268, 276

Escrita 85, 156

G

Gênero 35, 205, 248

L

Leitura 5, 30, 66, 84, 85, 100, 101, 263

Leitura na escola 66

Letramento literário 24, 33, 34

Linguagem 2, 13, 33, 36, 50, 53, 101, 102, 146, 157, 193, 198, 260

Literatura 1, 3, 4, 5, 6, 8, 10, 11, 12, 33, 34, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 62, 64, 65, 84, 114, 130, 131, 174, 191, 198, 204, 210, 248, 259

M

Masculinidade 248

O

Oralidade 85

P

Pedagogia de Multiletramentos 8, 175, 176, 180, 181, 182

R

Retórica 24, 31, 33, 269

Romance épico 114

Romance histórico 114

S

Sociedade 13, 33, 53, 187, 211, 247, 248, 259

T

Textos instrucionais 66

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-530-3



9 788572 475303